



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL

ALLAN CARVALHO DINIZ

TRANSTORNOS MENTAIS E SEUS IMPACTOS NOS DESEMPENHOS
OCUPACIONAIS DOS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS: REVISÃO DE ESCOPO

João Pessoa
2020

ALLAN CARVALHO DINIZ

TRANSTORNOS MENTAIS E SEUS IMPACTOS NOS DESEMPENHOS
OCUPACIONAIS DOS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS: REVISÃO DE ESCOPO

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito à obtenção do
título de Graduado em Terapia
Ocupacional, Universidade Federal da
Paraíba.

Orientadora: Andreza Aparecida Polia

João Pessoa
2020

D585t Diniz, Allan Carvalho.
Transtornos mentais e seus
impactos nos desempenhos
ocupacionais dos estudantes
universitários : revisão de
escopo / Allan Carvalho Diniz. - João
Pessoa, 2020.
50 f. : il.

Orientação: Andreza Aparecida
Polia.

TCC (Graduação) - UFPB/CCS.

1. Terapia Ocupacional. 2.
Transtornos Mentais. 3.
Saúde do Estudante. 4. Ansiedade. 5.
Depressão. I.
Polia, Andreza Aparecida. II. Título.

UFPB/CCS

CDU

615.851.3(043.2)

FICHA CATALOGRÁFICA

ALLAN CARVALHO DINIZ

TRANSTORNOS MENTAIS E SEUS IMPACTOS NOS DESEMPENHOS OCUPACIONAIS DOS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS: REVISÃO DE ESCOPO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação em Terapia Ocupacional da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Terapia Ocupacional.

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado em: 03/12/2020

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Carolina Couto da Mata - UFPB



Profa. Dra. Márcia Queiroz de Carvalho Gomes - UFPB



Profa. Dra. Andreza Polia (Orientadora) - UFPB

AGRADECIMENTO

Agradeço a realização deste trabalho à minha orientadora Profa. Dra. Andreza Polia que através de muita paciência e conselhos me ajudou na elaboração desta ideia.

Às professoras que compõem a banca, com as suas contribuições e reflexões muito importante. Profa. Dra. Carolina muito obrigado pelas correções para enriquecer o trabalho e Profa. Dra. Márcia muito agradecido pelos comentários que me nortearam para a finalização deste trabalho.

RESUMO

Transtornos mentais são considerados, hoje, como um problema de saúde pública que podem afetar qualquer sujeito em qualquer período do seu ciclo vital. Observa-se uma variação de prevalência de Transtorno Mental Comum (TMC) na população de estudantes universitários de 18, 5% a 44,9%. Possíveis causas giram em torno de bruscas mudanças biológicas, psicológicas, sociais e de rotina que estes sofrem ao entrar no ensino superior e afetam a cognição de forma a causar perda de atenção, concentração, dificuldades na aprendizagem e nas atividades do cotidiano que são importantes para a manutenção do bem estar, qualidade de vida e saúde mental. O objetivo desse estudo é identificar o impacto do transtorno mental comum no desempenho ocupacional de estudantes universitários. Esta revisão têm cinco etapas gerais: elaboração da pergunta geradora; busca por estudos nas bases de dados; seleção dos estudos; extração dos resultados dos estudos; agrupamento, síntese e apresentação dos resultados. A busca dos estudos foi realizada nas seguintes bases de dados eletrônicas: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciência da Saúde (LILACS), *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO) e Plataforma de Periódicos da CAPES. Foram encontradas 684 referências de diversos delineamentos, porém, após etapa de seleção foram revisados 13 artigos científicos publicados entre os anos de 2009 e 2020 no Brasil. Os temas mais abordados dentre os estudos foram TMC, ansiedade e depressão. Os estudos conduzidos apontaram impactos no estudante universitário, nas habilidades sociais, rotina, atenção, compreensão, raciocínio, regulação emocional, entre outros, que podem interferir nas habilidades de desempenho sugere prejuízos no desempenho ocupacional desta população. Porém, a maioria dos estudos aqui revisados não apresenta um panorama ocupacional dos impactos dos transtornos. Parecem existir poucos estudos em áreas especializadas que relacionam desempenho ocupacional dos universitários com transtornos mentais comuns. Sugere-se que os próximos estudos transversais com estudantes universitários considerem e investiguem as esferas do desempenho ocupacional e que as revisões considerem um maior número de estudos selecionados.

Palavras-chave: Terapia Ocupacional. Transtornos Mentais. Saúde do Estudante. Ansiedade. Depressão.

ABSTRACT

Mental disorders are considered, today, as a public health problem that can affect any subject in any period of their life cycle. There is a variation in the prevalence of Common Mental Disorder (CMD) in the population of university students from 18, 5% to 44.9%. Possible causes revolve around sudden biological, psychological, social, and routine changes that they undergo when entering higher education and affect cognition in order to cause loss of attention, concentration, difficulties in learning and in daily activities that are important for maintaining well-being, quality of life and mental health. The aim of this study is to identify the impact of common mental disorders on the occupational performance of university students. This review has five general steps: elaboration of the generating question; search for studies in the databases; selection of studies; extraction of study results; grouping, synthesis, and presentation of results. The search for the studies was carried out in the following electronic databases: Latin American and Caribbean Literature in Health Science (LILACS), Scientific Electronic Library Online (SCIELO), and CAPES Journal Platform. 684 references from different designs were found, however, after the selection stage, 13 scientific articles published between 2009 and 2020 in Brazil were reviewed. The most discussed topics among the studies were CMD, anxiety, and depression. The studies conducted pointed out impacts on the university student, on social skills, routine, attention, understanding, reasoning, emotional regulation, among others, which can interfere with performance skills, suggesting losses in the occupational performance of this population. However, most of the studies reviewed here do not provide an occupational overview of the impacts of the disorders. There seem to be few studies in specialized areas that relate to the occupational performance of university students to common mental disorders. It is suggested that the next cross-sectional studies with university students consider and investigate the spheres of occupational performance and that the reviews consider a greater number of selected studies.

Keywords: Occupational Therapy. Mental Disorders. Student Health. Anxiety. Depression.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Cruzamento entre os descritores utilizados nas bases de dados eleitas e número de artigos encontrados.	14
Tabela 2	Distribuição dos artigos quanto à metodologia, área foco do periódico e tema principal abordado.	14

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Estudos selecionados para a revisão de escopo.	32
-----------------	--	----

LISTA DE SIGLAS

TMC	Transtorno Mental Comum.
MTSM	Movimento dos Trabalhadores de Saúde Mental.
DSM	Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais.
CID-10	Classificação Internacional de Doenças.
CAPS	Centros de Atenção Psicossocial.
AVDs	Atividades de vida diária.
AIVDs	Atividades instrumentais de vida diária.
AOTA	Associação Americana de Terapia Ocupacional.
PIC	“P” a população; “I” o fenômeno de interesse; e “C” o contexto.
LILACS	Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciência da Saúde.
SCIELO	<i>Scientific Electronic Library Online</i>
BVS	Biblioteca Virtual em Saúde.
BIREME	Centro Latino Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde.
TAS	Transtorno de Ansiedade Social.
IDB	Questionário inventário de depressão de Beck.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	01
2. TRANSTORNOS MENTAIS	03
3. DESEMPENHO OCUPACIONAL E TRANSTORNOS MENTAIS COMUNS	06
4. OS TRANSTORNOS MENTAIS COMUNS EM UNIVERSITÁRIOS ...	09
5. METODOLOGIA	12
6. RESULTADOS	13
7. DISCUSSÃO	15
8. CONCLUSÃO	20
REFERÊNCIAS	22
APÊNDICE	30

1. INTRODUÇÃO

Os transtornos mentais são encarados, hoje, como um relevante problema de saúde pública que pode afetar qualquer sujeito em qualquer período do seu ciclo vital (WHO, 2018). Autores apontam que se realmente as projeções realizadas em 2015 pela OMS - de que 15% da população mundial apresentará algum tipo de transtorno mental até 2020 – estiverem corretas, o impacto com mortes precoces e incapacidade do trabalho serão superiores aos causados por outras doenças ao redor do mundo (FERREIRA; CARVALHO, 2017).

Segundo a Organização Pan Americana de Saúde (2016) os transtornos mentais tem causa multifatorial podendo surgir desde uma mudança social brusca a fatores psicológicos, biológicos e genéticos, que podem contribuir para o desequilíbrio químico no cérebro. O nível de comprometimento funcional que os transtornos podem causar vai auxiliar na classificação dos mesmos, com isso, transtornos considerados com maior nível de comprometimento são denominados transtornos mentais maiores (ou severos) no qual se enquadram o transtorno bipolar e de personalidade; já os de menor comprometimento são chamados de transtornos mentais menores (ou comum) e tem como exemplo os transtornos ansiosos e depressivos (APA, 2014; WHITLEY; PALMER; GUNN, 2015).

Variados tipos de populações podem adquirir um Transtorno Mental Comum (TMC). Os TMCs são tipos de transtornos não psicóticos que apresentam sintomas como insônia, irritabilidade, fadiga, falta de concentração e geralmente vem acompanhado de sintomas somáticos como ansiedade, estresse e depressão (GOLDBERG; HUXLEY, 2018). Os transtornos mentais em geral possuem causas multifatoriais, contudo, mais especificamente nos TMCs as principais causas giram em torno de condições de trabalho estressante, exclusão social, risco de violência, rápidas mudanças sociais, entre outros (OPAS, 2016).

Atualmente 5% da população do mundo sofrem de depressão e no Brasil cerca de 10% da população é acometida por esse transtorno (SANTANA *et al.*, 2016). Porém, no que diz respeito aos TMCs no Brasil, Duarte *et al.* (2018) apontam que a prevalência tem uma variação entre 29,6% a 56% na população geral. Observa-se que a prevalência de TMC varia entre as populações estudadas (LOPES *et al.*, 2016), por exemplo, na população de estudantes universitários foi encontrada uma variação de 18, 5% a 44,9% (FAGUNDES; LUDEMIR, 2005; SILVIA; CAVALCANTE-NETO, 2014).

São apontadas como possíveis causas de uma alta prevalência de TMC nos universitários as bruscas mudanças biológicas, psicológicas, sociais e de rotina que estes sofrem ao entrar no ensino superior (NOGUEIRA-MARTINS, 2003). Fernandes (2019) ao investigar os TMCs em estudantes universitários da área da saúde encontraram uma prevalência de 63,0% nessa população e uma associação estatística do TMC com estresse e autoestima desses estudantes. Perini, Delanogare e Souza (2019) demonstraram a presença do sofrimento psíquico em estudantes universitários que poderia se manifestar significativamente e de maneira gradual associada a fatores psicossociais.

A presença de TMC nos universitários pode afetar a cognição de forma a causar perda de atenção e concentração e dificuldades na aprendizagem, porém, ao passarem por um processo de transtorno esses sujeitos também são acometidos em outros aspectos da vida, ou seja, as consequências não se restringem apenas a vida universitária (ALMONDES *et al.*, 2002).

As atividades do cotidiano de um indivíduo são de extrema importância para a manutenção do bem estar, qualidade de vida e saúde mental. Essas ocupações do cotidiano (trabalho, estudo, lazer, entre outros) são influenciadas pelo contexto e interação entre os sujeitos e dependem das habilidades de desempenho (ROLEY *et al.*, 2008; SILVA *et al.*, 2019; CAVALCANTI, DUTRA, ELUI, 2015; SILVA *et al.*, 2019). Portanto, na presença de um TMC, o estudante pode ter consequências negativas tanto no desempenho de sua atividade como estudante universitário como nas atividades gerais de vida diária.

As habilidades de desempenho são desenvolvidas ao longo do tempo e envolvem unidades de ações que estão compreendidas nas ocupações de vida diária, sendo essas habilidades categorizadas como motoras, de processos e de interação social (FISHER; GRISWOLD, 2014). As habilidades de desempenho de processo de um sujeito podem ser afetadas pela sua capacidade cognitiva e as capacidades de regulação emocional podem afetar a resposta às exigências da ocupação (AOTA, 2015). Sendo assim, diante dos déficits cognitivos e emocionais que a ansiedade pode ocasionar pode-se esperar que as habilidades no desempenho de uma ocupação sejam afetadas.

Tendo em vista essa hipótese o objetivo geral desse estudo é identificar o impacto do transtorno mental comum no desempenho ocupacional de estudantes universitários. A metodologia do estudo segue as etapas de uma revisão de escopo que permite uma visão geral de determinado tema ao observar os principais conceitos que fundamentam a área e sumarizar os principais resultados da literatura investigada (PETERSON *et al.*, 2017).

De forma mais específicas os objetivos desse trabalho são: especificar quais são os impactos dos transtornos mentais comuns na saúde mental dos estudantes de acordo com a literatura e verificar se há apontamentos ou descrição de como os transtornos mentais comuns impactam no desempenho ocupacional dos estudantes universitários, a partir dos relatos dos artigos revisados a fim de responder a pergunta geradora: *Qual o impacto da presença de transtornos mentais comuns no desempenho ocupacional de estudantes universitários?*

Questões gerais sobre Transtornos Mentais são tratadas no Capítulo 2 deste trabalho. A interface entre o Desempenho Ocupacional e os transtornos mentais comuns é discutida no Capítulo 3. Uma revisão sobre a saúde mental dos estudantes universitários e a presença de transtornos nessa população é exposta no Capítulo 4.

As considerações metodológicas de como foi realizado este estudo encontra-se no Capítulo 5. Os resultados encontrados a partir da metodologia são expostos no Capítulo 6 e a discussão dos achados, no Capítulo 7. Por fim, no Capítulo 8 apresentam-se as conclusões.

2. TRANSTORNOS MENTAIS

O modelo psiquiátrico clássico concebia o asilo como o local de intervenção da loucura. Porém, uma revisão desse modelo começou a surgir através de propostas de mudança, principalmente nos Estados Unidos e Europa, dando início ao que seria nomeado Reforma Psiquiátrica (RIBEIRO; MACHADO, 2008).

As décadas de 1980 e 1990 foram importantes para as discussões e reestruturação da assistência psiquiátrica no Brasil. Os questionamentos e mudanças sobre o modelo psiquiátrico vigente à época começou tardiamente, já que ainda no final dos anos 70 a única forma de tratamento da doença mental no Brasil era a internação hospitalar na forma de leitos nos hospitais e manicômios (HIRDES, 2009).

Ainda a nível nacional, a Conferência Regional para a Reestruturação da Assistência Psiquiátrica, realizada em Caracas, em 1990, teve como consequência mudanças no Ministério da Saúde. Através da “Declaração de Caracas” (OMS/OPAS, 1990) foi possível firmar o compromisso de reestruturação da assistência psiquiátrica, rever o papel do hospital

psiquiátrico, proteger a dignidade do indivíduo e os direitos humanos, não apenas no Brasil, mas, em toda América Latina. Para observar os resultados da declaração de 1990, em 2005 o documento retorna como "Princípios Orientadores para o Desenvolvimento da Atenção em Saúde Mental nas Américas" (BRASIL, 2005) e nele são reconhecidos os avanços dos últimos quinze anos na reestruturação da atenção psiquiátrica, e reafirmada a necessidade de construir redes de serviços que substituam os hospitais.

Um novo cenário de assistência à saúde mental começa a se configurar após mobilizações de diversas esferas da sociedade, dando início ao movimento de Reforma Psiquiátrica Brasileira que garante até hoje as mudanças em saúde mental. A partir disso foi observada a criação de serviços com propostas diferentes das tradicionais. No final da década de 1980, o Movimento dos Trabalhadores de Saúde Mental (MTSM) contribuiu com a mudança nacional trazendo a ideia de ruptura com o paradigma psiquiátrico mostrando que esta tem uma função normalizadora e excludente, e fracassa ao tentar agir apenas na cura. Portanto, a instituição manicômio passa a ser rompida a partir da concepção de desinstitucionalização (AMARANTE, 1998; BASAGLIA, 2005; BORGES, BAPTISTA, 2008).

Assim, a reforma psiquiátrica converge para inverter a lógica do modelo clássico de assistência que pode ser resumido na institucionalização do paciente e traz a tona a humanização das relações entre os sujeitos, a substituição dos asilos, mudança na organização dos processos de trabalho e na estrutura dos serviços psiquiátricos (SILVA, BARROS, OLIVEIRA, 2002).

O movimento de Reforma Psiquiátrica no Brasil se caracterizou como um movimento para garantir mudanças assistenciais no âmbito da saúde mental e a partir do seu início foram vistas criações de novos serviços de assistência com modelo de tratamento diferenciado do tradicional levando em consideração, por exemplo, a singularidade de cada pessoa e o princípio da cidadania. O conceito de saúde estava se transformando, principalmente a concepção sobre o processo saúde-doença, e buscavam-se alternativas de atenção à saúde além dos serviços médicos e do pensamento de saúde como ausência de doença (RIBEIRO; MACHADO, 2008).

Sendo assim, uma nova visão foi construída em relação aos sujeitos com transtornos mentais. De uma pessoa que tem uma doença que deve ser controlada, o sujeito com transtorno mental passa a ser visto como uma pessoa que precisa de locais e apoio de outras pessoas de forma a garantir sua qualidade de vida, interação social, afetividade e sua cidadania (RIBEIRO, 2005). Visto que o transtorno mental pode se caracterizar como uma junção de pensamentos, emoções, comportamentos e percepções anormais que pode afetar as relações com outras pessoas (OPAS, 2018).

Dalgalarondo (2019) destaca que o termo “transtorno mental” começou a ser utilizado para denominar aquelas condições que não tinham evidências de alteração anatômica, fisiológica ou histológica no cérebro, ou seja, condições psicopatológicas.

Contudo, com o surgimento do Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais (DSM) - I em 1952 com 106 diagnósticos psiquiátricos e suas atualizações ao longo do tempo, o quinto volume do manual é publicado e apresenta 300 categorias para definição de doenças psiquiátricas (SENA, 2014). Sendo assim, o DSM-5 estabelece como definição de transtornos mentais:

“[...] uma síndrome caracterizada por perturbação clinicamente significativa na cognição, na regulação emocional ou no comportamento de um indivíduo que reflete uma disfunção nos processos psicológicos, biológicos ou de desenvolvimento subjacentes ao funcionamento mental.” (APA, 2014; p.20)

Existem diversos tipos de transtornos mentais como, por exemplo, a depressão, demência e esquizofrenia, que tem apresentações de sintomas diferentes. Para o diagnóstico, os sintomas e sinais devem ser recorrentes e ocorrer em conjuntos para que sejam identificadas as causas e possíveis padrões de evolução (DALGALARRONDO, 2019; OPAS, 2018).

No Brasil o critério para diagnóstico utilizado pelo Sistema Único de Saúde é o da Classificação Internacional de Doenças o CID-10, sendo que o número 10 indica a quantidade de atualizações e revisões da versão. No que diz respeito aos transtornos mentais o CID-10 aborda em seu Capítulo V os Transtornos mentais e comportamentais que é subdividido do F00 ao F99 (FERRI; GALDURÓZ, 2016).

A importância do uso de uma classificação reflete na maneira como são elaborados e oferecidos os tratamentos (RIBEIRO; INGLEZ-DIAS, 2011). Atualmente, a base de tratamento centrada no indivíduo é, na maioria dos casos, a forma de assistência à pessoa com transtorno mental. Essa característica é consequência da Reforma Psiquiátrica e das mudanças nas políticas públicas que resultou, por exemplo, no surgimento dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) e do Programa de Volta para Casa construindo, assim, um novo panorama para a saúde mental no país (BRASIL, 2015).

Diante desse novo cenário da saúde mental o terapeuta ocupacional atua para a ampliação do cuidado e o resgate dos direitos de cidadania dos sujeitos por ter como foco principal a atividade cotidiana (RIBEIRO; MACHADO, 2008). Para Benetton (1994, p.6) “a Terapia Ocupacional tem como alvo a saúde mental. Ela é um objetivo a ser alcançado, tornando-se em seguida um instrumento para o trabalho de inserção social”. O terapeuta assume

como objeto da ação terapêutica o sujeito e suas necessidades e não a doença e os sintomas de forma a investir na vida cotidiana e sua complexidade, trabalhando aspectos práticos, concretos, simbólicos, entre outros, para produzir proteção e resolução de problemas (MÂNGIA, 2002).

A reestruturação da assistência psiquiátrica possibilitou a inclusão de novas práticas baseadas na sociabilidade e na reconstrução do espaço doméstico trazendo uma proposta de reabilitação psicossocial visando ações destinadas à inserção social das pessoas com doença mental. Sob essa visão, a prática de reabilitação de diversas áreas da saúde mental passou por um processo de reavaliação de suas teorias, práticas e políticas (COSTA; ALMEIDA; ASSIS, 2015).

Nesse contexto, a Terapia Ocupacional começou a se pautar na ideia de que o comportamento individual é interdependente das relações sociais e a realocar suas práticas para espaços reais do trabalhar, habitar e conviver. Portanto, a terapia ocupacional pode contribuir para a ampliação do desempenho dos papéis ocupacionais dos sujeitos nos espaços de forma a aumentar sua participação nos contextos sociais (LIMA, 2006; MÂNGIA; MURAMOTO, 2006; COSTA; ALMEIDA; ASSIS, 2015).

No próximo tópico trataremos dos apontamentos sobre transtornos mentais comuns e sua relação com as atividades de vida diária.

3. DESEMPENHO OCUPACIONAL E OS TRANSTORNOS MENTAIS COMUNS

A ocupação é um aspecto da experiência humana que funciona de forma inata e espontânea para exploração e dominação do ambiente. Ocupação possui objetivo, sentido e interesse, seja pessoal e/ou social (CAVALCANTI, DUTRA, ELUI, 2015; MORAES *et al.*, 2018). Na Terapia Ocupacional este termo é utilizado para abranger os aspectos das atividades do cotidiano de um indivíduo levando em consideração que estar envolvido em uma ocupação contribui para a saúde, bem estar e ajuda a estruturar a rotina. Nessa perspectiva, a Terapia Ocupacional enxerga as ocupações como fundamentais para a identidade e de grande valor para cada sujeito (ROLEY *et al.*, 2008; SILVA *et al.*, 2019).

Atividades como brincar, trabalho, lazer, sono e descanso, educação, participação social, atividades de vida diária (AVDs) e atividades instrumentais de vida diária (AIVDs) são exemplos de ocupações, que por sua vez são influenciadas pelo contexto, interações e

habilidades do sujeito. A capacidade de realizar essas atividades é conhecida pelo termo desempenho ocupacional (AOTA, 2015; CAVALCANTI, DUTRA, ELUI, 2015; SILVA *et al.*, 2019).

Segundo a Associação Americana de Terapia Ocupacional (AOTA) (2015, p. 14) “Desempenho ocupacional é a realização da ocupação selecionada, resultante da transação dinâmica entre o cliente, o contexto e o ambiente, e a atividade ou ocupação”. Existem importantes aspectos que interagem e influenciam a saúde, bem-estar, participação e identidade ocupacional dos sujeitos, sendo estes: fatores dos clientes (p.ex.: valores, crenças, espiritualidade), habilidades de desempenho (p.ex.: motoras, interação social), padrões de desempenho (p.ex.: hábitos, rotinas, rituais) e, contextos e ambientes (p.ex.: cultural, pessoal, físico, social) (AOTA, 2015).

Vários desses aspectos da vida de um sujeito podem ser prejudicados pela presença de um transtorno mental. Um indivíduo com transtorno pode vivenciar certos níveis de incapacidade enfraquecimento nas esferas do cuidado consigo, lazer, trabalho e relações interpessoais, implicando assim, em consequências graves como isolamento social, abuso de álcool e drogas, baixo rendimento ocupacional e acadêmico, e interrupções nas atividades acadêmicas e laborais (GONÇALVES; KAPCZINSKI, 2008; FONSECA, 2008).

Como o desempenho ocupacional depende da combinação entre cliente, contexto, ambiente e atividade, e é considerado satisfatório quando mantém o bem-estar e saúde do sujeito é esperado que os prejuízos causados por um transtorno mental afetem também o desempenho ocupacional (PEREIRA *et al.*, 2014; AOTA, 2015).

Santos (2015), ao pesquisar as repercussões no desempenho ocupacional ocasionadas por abuso de álcool, de usuários alcoolistas atendidos em um CAPS AD, relatou que esses destacaram prejuízo nas esferas do trabalho, convívio familiar e participação social. Já Pereira *et al.* (2014) observaram, em estudo com adolescentes atendidos em um CAPSi, que o desempenho ocupacional nas áreas de produtividade, autocuidado e lazer estava comprometido.

Segundo levantamento bibliográfico realizado por Kubota (2013) sobre a insônia, um dos sintomas de transtornos mentais comuns, os indivíduos que possuem esse distúrbio do sono tem um acometimento direto do desempenho ocupacional, causando prejuízo nas áreas familiar, social, no trabalho e no ambiente escolar. Outro acometimento encontrado na revisão foi a interferência da insônia em aspectos cognitivos, relacionados à memória, concentração e atenção.

De acordo com a investigação de Motizuki e Mariotti (2014), sobre a percepção de sujeitos com transtornos mentais comuns a respeito do desempenho ocupacional, o lazer foi a atividade citada como a mais afetada pelo transtorno. O adoecimento psíquico pode ser potencializado com a limitação ou ausência da prática de lazer, pois essas atividades proporcionam bem-estar físico, psíquico e social (DE ARAÚJO *et al.*, 2007).

A motivação para realizar as atividades de vida diária sofre grande influência da presença da doença mental mesmo que o indivíduo tenha condição física e tempo (SPADINI; SPUZA, 2006). Portanto, o transtorno mental pode ocasionar um desequilíbrio ocupacional. Para Anaby *et al.* (2010) o equilíbrio ocupacional ocorre quando há um balanceamento entre as áreas de ocupação. As ocupações na vida de um indivíduo podem favorecer uma vida bem equilibrada e funcional, da mesma forma que um desequilíbrio pode causar disfunções diversas (AOTA, 2015).

É de competência dos terapeutas ocupacionais tentar resgatar esse equilíbrio nas pessoas com transtornos mentais, ajudando no engajamento em atividades e ocupações diversas, facilitando experiências e auxiliando na organização de tempo (HAGEDORN, 2007) para que essas pessoas possam a partir de suas necessidades pessoais realizar o que seja significativo para sua vida.

Portanto, os artigos desta revisão serão abordados de acordo com o agrupamento de tema, realizado no percurso metodológico, a fim de responder a pergunta geradora: *Qual o impacto da presença de transtornos mentais comuns no desempenho ocupacional de estudantes universitários?*

Para tanto, é necessário um panorama geral dos transtornos mentais comuns na população de estudantes universitários. Na próxima seção uma breve revisão sobre esse tópico será realizada.

4. OS TRANSTORNOS MENTAIS COMUNS EM UNIVERSITÁRIOS

Do ponto de vista psicológico a saúde mental dos estudantes universitários foi observada como vulnerável desde o início do século XX em estudos conduzidos nos Estados Unidos (CERCHIARI *et al.*, 2005). Uma transição significativa ocorre quando os estudantes passam

do nível fundamental para uma dedicação mais exigente e autônoma dos estudos, que o ensino superior exige, bem como, os novos vínculos afetivos, longas horas de estudo e a expectativa quanto à carreira profissional. Essas mudanças podem afetar os aspectos psicológicos dos estudantes (TOLEDO, 2015).

Silvia e Costa (2015) ao investigarem estudantes universitários da área da saúde em várias fases do curso observaram que o período inicial apresentou correlação com desencadeadores de estresse, fortalecendo dados semelhantes encontrados em pesquisa de Silva e Silva (2008). Os autores apontam que o estresse na fase inicial do curso pode estar associado com a mudança ambiental, a transição do ensino médio para o superior e às exigências teóricas do curso. Já Dutra (2012) relata que fatores como: exigência acadêmica, dificuldades financeiras, pressão e preocupações com o futuro poderiam atuar no desencadeamento de sintomatologia depressiva e ideação suicida e/ou tentativas de suicídio.

Deve-se considerar também que transformações fisiológicas, neurológicas e psicológicas, que ocorrem no período de transição entre a fase da adolescência e a fase adulta, levam os estudantes a vivenciarem um período de crise, por exigir a adaptação a um novo papel social, o de adulto jovem (PAPALIA, 2000).

Nesse sentido, atenção especial deve ser dada ao estudante da área da saúde. Fatores como pressão familiar e social, contato com doenças, vivências com episódios de dor e sofrimento do outro, carga horária excessiva, grande quantidade de conteúdos acadêmicos, entre outros, podem colaborar para o surgimento de sinais de sofrimento psíquico no início do curso (CARLESSO, 2020). Facundes e Ludermir (2005) também citam o medo de errar, a má administração do tempo e a dinâmica teoria/prática como desencadeantes estressores relacionados ao desempenho acadêmico.

Os episódios psiquiátricos costumam fazer sua primeira aparição durante a graduação, na maioria dos estudantes, e cerca de 12% a 18% apresentam algum tipo diagnosticável de doença mental (MOWBRAY *et al.*, 2006; FIOROTTI *et al.*, 2010; SILVIA; COSTA; ALMEIDA; ASSIS, 2015). Primariamente os transtornos menores comuns (TMC) podem surgir em forma de sintomas como: fadiga, insônia, irritabilidade e dificuldade de concentração, e causar agravantes nas relações interpessoais, assim como comprometer o desempenho das atividades diárias (FIOROTTI *et al.*, 2010).

Os TMC (transtornos psiquiátricos menores ou transtorno menores comuns) são caracterizados como mais frequentes e menos graves tipos de transtorno mental. Apesar de necessariamente não precisar de um diagnóstico psiquiátrico formal para ter o TMC, os

indivíduos que o possuem tem impacto enorme na qualidade de vida e no funcionamento social e/ou ocupacional o que pode, ao longo do tempo, desencadear transtornos mais graves (ALMEIDA *et al.*, 2007). Em uma população de estudantes de medicina Fiorotti *et al.* (2010) sugerem que a alta prevalência dos quadros de TMC encontrados podem estar associadas a fatores anteriores à graduação que perpassam, por exemplo, pela escolha do curso superior e carreira profissional.

As situações vivenciadas pelos universitários podem oferecer situações ansiogênicas. Dois principais fatores podem influenciar o estado emocional dos estudantes: a entrada na universidade e a passagem de uma fase de desenvolvimento para outra, e assim consequentemente, associada à ansiedade-estado e ansiedade-traço. A ansiedade-estado é um estado emocional transitório e está relacionada a momentos ou situações particulares. Por sua vez, a ansiedade-traço relaciona-se com a forma que os indivíduos possuem de encarar as situações como ansiogênicas, portanto, está ligada à personalidade de cada um (FERREIRA *et al.*, 2009).

A tendência para enfrentar situações como ansiogênicas depende de cada indivíduo e isso pode causar mais ansiedade em determinadas pessoas. Em um momento de lidar com crise e traçar estratégias para superar esse período os estudantes tendem a encarar de forma diferente e assim, a ansiedade ser mais grave para alguns (ALMONDES *et al.*, 2002). Os fatores ansiogênicos podem afetar aspectos cognitivos negativamente, como: reduzir atenção e concentração, dificultar o processo de aprendizagem e diminuir aquisição de habilidades (ALMONDES *et al.*, 2002).

A ansiedade é considerada um TMC. É uma resposta fisiológica ao meio que está inserido e as situações que se vivencia. Quando a ansiedade apresenta sinais como inquietação, distúrbio do sono, tremores, entre outros, pode ser um alerta para uma ansiedade patológica (CHAVES *et al.*, 2015).

Índices de ansiedade foram relatados como maiores que os de depressão em estudantes da área de Ciências Humanas e Sociais em estudos de Brandtner e Bardagi (2009) e Nogueira (2013). Brandtner e Bardagi (2009) apontam altos índices de depressão em estudantes de Psicologia no início do curso, fato que também foi encontrado por Sakae, Padão e Jornada (2010) que relatam que os alunos de Psicologia (13,3%) apresentaram maior prevalência de sintomas depressivos fazendo com que, para esses autores, cursar Psicologia seja um fator de risco para depressão.

Porém, cursos de determinadas áreas tem suas peculiaridades, por exemplo, os estudantes de enfermagem possuem fatores adicionais que podem causar ansiedade como o medo de cometer erros, relacionamento com o paciente, prática clínica e iminência de morte (MARCHI *et al.*, 2013). Fernandes *et al.* (2018) encontram um índice de 62,9% de sintomas ansiosos em uma população de estudantes de enfermagem, dado este, próximo a encontrado em Marchi *et al.* (2013) que foi de 70,0%.

Segundo Nogueira (2013, p.20) “Tanto a depressão quanto a ansiedade são psicopatologias que, segundo a OMS, têm aumentado em prevalência e estão diminuindo a qualidade de vida da população em todo o mundo”. Em pesquisa realizada no Brasil um alto índice de depressão (29% de grau leve, 31% de moderado e 19,25% de grave) foi encontrado em estudantes de Medicina e Enfermagem (ABRÃO, COLEHO, PASSOS, 2008).

Caracterizada por ser uma doença multifatorial a depressão compromete o funcionamento social, profissional e interpessoal, e afeta humor, causa perda de iniciativa, desinteresse, falta de autocuidado e diversos outros sintomas (IBRAHIM *et al.*, 2013). Dentre os transtornos mentais comuns, a depressão é o fator de risco mais forte para a tentativa de suicídio (CHATTERJEE *et al.*, 2014; HERRERO, SÁBADO, BENITO, 2014).

Cavestro e Rocha (2006) encontraram uma prevalência de transtornos depressivos de 28,2% nos estudantes do curso de terapia ocupacional em comparação com os de medicina (8,9%) e de fisioterapia (6,7%). Ao fazer estimativas, observaram que a chance de ocorrer episódio depressivo entre estudantes da terapia ocupacional foi 3,6 vezes maior do que a chance de ocorrer entre os de medicina e de fisioterapia, e de suicídio 3,7 vezes maior.

Fernandes *et al.* (2018) encontraram em uma população de universitários do ensino público prevalência de 30,2% de sintomas de depressão em níveis leves, além de uma maior probabilidade do sexo feminino desenvolver esses sintomas. Em Nogueira (2013) 55% da amostra apresentaram indícios de depressão. Cavestro e Rocha (2006) ao pesquisarem a depressão em estudantes de uma faculdade de medicina encontraram a taxa de prevalência de 10,5% para transtorno depressivo maior sem diferença significativa entre os três períodos do curso e a taxa de prevalência para o risco de suicídio de 9,6% do total de alunos entrevistados.

A existência de sintomas de transtornos mentais comuns na comunidade discente acadêmica é fato já pesquisado ao longo do tempo e em variados cursos. Observa-se diante da conclusão desses estudos a importância de se considerar esses acometimentos como uma problemática séria no campo da saúde que deve ser tratada com medidas de promoção e prevenção de saúde dentro do ensino superior.

5. METODOLOGIA

O presente estudo é caracterizado como uma revisão de escopo. A revisão de literatura que tem como método a revisão de escopo possui os objetivos: investigar os conceitos-chave de uma área de pesquisa/conhecimento, resumir e divulgar os dados das investigações selecionadas, bem como identificar possíveis lacunas (ARKSEY; O'MALLEY, 2005).

Esta revisão contou com cinco etapas gerais: elaboração da pergunta geradora; busca por estudos nas bases de dados; seleção dos estudos; extração dos resultados dos estudos; e agrupamento, síntese e apresentação dos resultados (GALVÃO, SAWADA, TREVISAN, 2004).

Para auxiliar na elaboração da pergunta geradora foi utilizada estratégia PIC (“P” a população - estudantes universitários; “I” o fenômeno de interesse – transtornos mentais comuns; e “C” o contexto – desempenho ocupacional). A PIC é uma adaptação da estratégia PICO (P: paciente, I: intervenção, C: comparação, O: desfecho) que orienta a elaboração da pergunta de pesquisa e da busca bibliográfica (SANTOS, PIMENTA, NOBRE, 2007). Portanto, a partir dessa estratégia foi elaborada a pergunta: *Qual o impacto da presença de transtornos mentais comuns no desempenho ocupacional de estudantes universitários?*

A busca dos estudos foi realizada nas seguintes bases de dados eletrônicas: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciência da Saúde (LILACS), *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO) e Plataforma de Periódicos da CAPES. O acesso à base eletrônica LILACS foi feito através da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), considerada um espaço de integração de fontes de informações em saúde, sendo desenvolvida e operada pela BIREME (Centro Latino Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde).

Foram escolhidos os descritores que melhor se adequassem à temática, para assim, abranger todos os estudos relevantes. Também foi realizado o cruzamento dos descritores utilizando o operador booleano “AND”. As palavras-chave utilizadas foram:

- 1- Transtornos mentais x Terapia Ocupacional
- 2- Transtornos mentais x Universitários
- 3- Terapia Ocupacional x Universitários

4- Universitários x Desempenho ocupacional.

5- Universitários x Atividades de vida diária (AVD)

Nas bases de dados foram aplicados os filtros idioma: português e intervalo de ano de publicação: últimos 10 anos (jan. 2009- fev.2020).

A pesquisa dos artigos passou pelas etapas de (1) estabelecimento dos critérios de inclusão; (2) leitura dos títulos dos artigos; (3) leitura dos resumos; e (4) leitura e avaliação na íntegra dos estudos. Foram estabelecidos os critérios de inclusão dos artigos: ano de publicação de 2009 a 2019, língua portuguesa, artigos científicos com acesso aberto, artigos nos quais a população estudada fosse universitária, artigos que contemplassem o estudo dos transtornos mentais comuns. Foram excluídos da seleção aqueles artigos que fossem de acesso fechado, e que não possuíssem em seu objetivo a investigação da saúde mental do universitário.

Foram extraídos dados de caracterização da produção (título, autor, periódico e ano) e de conteúdo da publicação (objetivo, metodologia e resultados) e exposto no Quadro 1 (APÊNDICE 1).

6. RESULTADOS

Após realização da pesquisa nas bases de dados Scielo, LILACS e Periódicos CAPES, por meio do cruzamento dos descritores, foram encontradas 684 referências de diversos delineamentos. Na tabela 1 observa-se o total de artigos encontrados por cruzamento.

Tabela 1 - Cruzamento entre os descritores utilizados nas bases de dados eleitas e número de artigos encontrados.

Cruzamento dos Descritores	Total de Artigos		
	Periódicos CAPES	Scielo	LILACS
Terapia Ocupacional AND Universitários	60	07	12
Terapia Ocupacional AND Transtornos mentais	87	04	16
Universitários AND Desempenho ocupacional	245	03	17
Transtornos mentais AND Universitários	78	08	49

AVD AND Universitários	98	0	0
Total	568	22	94

Após a etapa de retirada dos títulos duplicados foi iniciada a leitura dos títulos e resumos para dar início à seleção dos artigos revisados. Na leitura dos títulos e resumos foram selecionados 13 artigos científicos de acordo com os critérios de inclusão estabelecidos. No Quadro 1 é possível observar as informações de Título, Autor, Periódico, Ano, Objetivo, Metodologia e Resultados extraídos.

As 13 publicações incluídas nesta revisão foram publicadas entre os anos de 2009 e 2020 no Brasil. Foram localizados artigos com metodologia transversal, revisão de literatura e documental, os periódicos nos quais foram publicados os artigos abordam as áreas de Saúde Coletiva, Psicologia, Medicina, Enfermagem, Epidemiologia e Ciências da Saúde em geral, e no que diz respeito aos temas mais abordados foi realizado um agrupamento dos artigos divididos nos temas TMC, ansiedade, depressão, e ansiedade e depressão (Tabela 2).

Tabela 2 - Distribuição dos artigos quanto à metodologia, área foco do periódico e tema principal abordado.

Metodologia dos artigos	N	Citação
▪ Transversal	10	Ferreira <i>et al.</i> (2009) Vallilo <i>et al.</i> (2011) Angélico, Crippa e Loureiro (2012) Nogueira (2013) Silva e Cavalcante Neto (2014) Silva, Cerqueira e Lima (2014) Vasconcelos <i>et al.</i> (2015) Cremasco e Baptista (2017) Vizzotto, Jesus e Martins (2017) Fernandes <i>et al.</i> (2018)
▪ Revisão de literatura	02	Graner e Cerqueira (2019) Carlesso (2020)
▪ Documental	01	Pinho (2016)
Área foco do periódico		
▪ Saúde Coletiva	02	Ferreira <i>et al.</i> (2009) Graner e Cerqueira (2019)
▪ Psicologia	06	Angélico, Crippa e Loureiro (2012) Nogueira (2013) Silva e Cavalcante Neto (2014) Pinho (2016)

		Cremasco e Baptista (2017)
		Vizzotto, Jesus e Martins (2017)
▪ Medicina	02	Vallilo <i>et al.</i> (2011)
		Vasconcelos <i>et al.</i> (2015)
▪ Enfermagem	01	Fernandes <i>et al.</i> (2018)
▪ Epidemiologia	01	Silva, Cerqueira e Lima (2014)
▪ Ciências da Saúde	01	Carlesso (2020)
Tema principal abordado		
▪ TMC	05	Silva e Cavalcante Neto (2014)
		Silva, Cerqueira e Lima (2014)
		Pinho (2016)
		Graner e Cerqueira (2019)
		Carlesso (2020)
▪ Ansiedade	02	Ferreira <i>et al.</i> (2009)
		Angélico, Crippa e Loureiro (2012)
▪ Depressão	02	Vallilo <i>et al.</i> (2011)
		Cremasco e Baptista (2017)
▪ Depressão e Ansiedade	04	Nogueira (2013)
		Vasconcelos <i>et al.</i> (2015)
		Vizzotto, Jesus e Martins (2017)
		Fernandes <i>et al.</i> (2018)

7. DISCUSSÃO

Esta revisão de escopo teve como objetivo mapear a literatura acerca dos transtornos mentais comuns presentes na população de estudantes universitários. As pesquisas que foram mapeadas abordam três principais temas: ansiedade, depressão e transtornos mentais comuns, em geral. O termo desempenho ocupacional não surgiu nos resultados e discussão dos estudos aqui revisados, porém consideramos de grande importância incluir referências sobre o tema - que não são frutos da pesquisa metodológica - para dialogar com os estudos incluídos.

Angélico, Crippa e Loureiro (2012) desenvolveram uma investigação com estudantes universitários com o intuito de verificar possíveis associações entre as manifestações clínicas e comportamentais do Transtorno de Ansiedade Social (TAS). Para tanto, os autores conceituam o TAS como “[...] TAS ou fobia social, é um transtorno psiquiátrico grave que acarreta sofrimento e perdas significativas de oportunidades para o seu portador” (ANGÉLICO; CRIPPA; LOUREIRO, 2012, p.467). Em contrapartida, Ferreira *et al.* (2009) utilizam o conceito de Ansiedade Traço e Ansiedade Estado ao desenvolverem uma pesquisa sobre o ambiente ansiogênico das universidades.

Orientados por Almondes *et al.* (2002) e Holmes (1997), Ferreira *et al.* (2009) definem a ansiedade como um sinal de alerta diante da presença de um conflito interno, que tem como função avisar sobre um perigo iminente para que se possa resolver a ameaça. Entretanto, por mudanças ocorridas no âmbito econômico, social e cultural, as pessoas estão vivenciando a sensação de ansiedade de uma forma desajustada e patológica.

Ferreira *et al.* (2009) utilizam dois principais conceitos em sua investigação: ansiedade-traço e ansiedade-estado. Segundo os autores, a ansiedade-estado está relacionada a um momento particular como, por exemplo, a situação de entrada na universidade, já a ansiedade-traço está ligada a características individuais como a forma de lidar com eventos diversos da vida, por exemplo.

Diversos prejuízos no funcionamento social dos universitários foram encontrados na investigação de Angélico, Crippa e Loureiro (2012). As habilidades sociais apresentaram déficits em situações com interlocutores, desde parceiro sexual a familiares, e também em diferentes contextos. O Índice de Habilidade Social apontou que os itens “agradecer elogio”, “negociar uso de preservativo”, “lidar com crítica dos pais” e “participar de conversação” foram as habilidades sociais que mais foram dificultadas por causa da ansiedade. Esses dados podem mostrar uma possível relação entre insuficiência na habilidade social e prejuízo do funcionamento social que pessoas com TAS podem viver em sua rotina.

Em contrapartida, os dados encontrados por Ferreira *et al.* (2009) apontam que os estudantes do ciclo básico investigados não apresentavam personalidade ansiogênica e não estavam encarando a situação de entrada na universidade como tal. Contudo, ao comparar as áreas biomédica, humanística e tecnológica os autores observaram que os estudantes da área biomédica são os mais ansiosos apresentando a maior média de estado de ansiedade.

Considerando que a ansiedade afeta as habilidades sociais e causa sintomas como tontura, dor de cabeça, taquicardia, tensão, angústia e irritabilidade, a presença dessa condição pode se tornar prejudicial para a saúde, afetar habilidades motoras e intelectuais do sujeito, que por sua vez, pode interferir na atenção e codificação de informações afetando também a compreensão e o raciocínio (ANGÉLICO; CRIPPA; LOUREIRO, 2012; FERREIRA *et al.*, 2009). Na depressão, um tema abordado nos estudos aqui revisados, também é possível encontrar uma ou mais habilidades de desempenho ocupacional afetadas, já que estas estão estritamente ligadas e são combinadas quando uma ocupação está sendo realizada (AOTA, 2015).

Nos estudos de Vallilo *et al.* (2011) e Cremasco e Baptista (2017) a depressão é o ponto de investigação nos estudantes universitários. Vallilo *et al.* (2011, p. 36) conceituam a depressão como “[...] um transtorno de humor que deve ser diagnosticado e tratado adequadamente”. Um conceito mais amplo é encontrado em Cremasco e Baptista (2017) ao relatarem, com base em Wilkinson (2009), que além de ser um conjunto de manifestações psicológicas e fisiológicas a depressão pode se apresentar de forma contínua ou em episódios e na intensidade de leve a severa.

Com o intuito de investigar a depressão em estudantes do curso de Medicina os autores utilizaram o questionário inventário de depressão de Beck (IDB) que é uma medida de autoavaliação dos sintomas de depressão no qual possui três pontos de corte: 0-14 pontos correspondem à normalidade, 15-20 pontos quadro de disforia e pontuação maior que 20 indica depressão. Os alunos que pertenciam ao período inicial do curso obtiveram pontuação maior no inventário de depressão de Beck e os sintomas depressivos mais frequentes, detectados no estudo, foram autoacusação, culpa e fadiga (VALLILO *et al.*, 2011).

Já Cremasco e Baptista (2017) ao estudarem a depressão em uma amostra de estudantes de Psicologia encontraram 15% de sintomatologia leve a moderada e com relação ao suicídio foi visto que para esses estudantes à medida que a ideação suicida aumenta, a atração pela vida diminui.

Em conformidade com o Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais (DSM-IV) e o Código Internacional de Doenças (CID-10) os sintomas clínicos da depressão são perda de interesse ou prazer, perda ou ganho de peso sem estar fazendo dieta, insônia ou hipersonia, agitação ou retardo psicomotor, pensamentos de morte recorrente, entre outros, sendo estes presentes por no mínimo duas semanas (APA, 2014; OMS, 1993).

A depressão e o transtorno de ansiedade são as duas principais doenças mentais com alta prevalência no mundo, e nos estudantes universitários não é diferente (NOGUEIRA, 2013). Portanto, alguns estudos focaram na investigação das duas psicopatologias nessa população.

Com o objetivo de conhecer as limitações e alcance de um teste para diagnóstico de depressão e ansiedade nos estudantes universitários Nogueira (2013) verificou a existência de mais casos com índices de ansiedade moderado e grave, do que com depressão. A ansiedade foi encontrada em maior prevalência também no estudo de Vasconcelos *et al.* (2015) nos quais encontraram 19,7% da amostra com sintomas sugestivos de ansiedade e 5,6% com sintomas sugestivos de depressão em estudantes de medicina.

Vizotto, Jesus e Martins (2017) ao investigarem a depressão, ansiedade e *stress* em estudantes universitários observaram que os homens apresentaram maiores indicativos de depressão que as mulheres e que a variável “sair da casa dos pais para estudar” estava associada a níveis mais elevados de depressão, ansiedade e *stress*.

Como visto até o momento a ansiedade parece prevalecer na comunidade de estudantes universitários segundo os estudos dessa revisão. Em Fernandes *et al.* (2018) não foi diferente, com o intuito de identificar a prevalência de sintomas de ansiedade e depressão em estudantes de enfermagem os pesquisadores encontraram uma taxa de 30,2% para a depressão e 62,9% para a ansiedade. Dentre os sintomas já conhecidos da depressão os mais manifestados na população estudada foram: fadiga, irritabilidade, preocupações somáticas e distúrbio do sono. No que diz respeito à ansiedade, os sintomas mais manifestados foram: nervosismo, sensação de estar assustado, indigestão ou desconforto abdominal e o medo de que aconteça o pior.

A existência dos sintomas de depressão e ansiedade na comunidade de estudantes universitários, sobretudo estudantes da saúde, é encarada pelos estudos aqui revisados como um resultado de situações estressoras como, por exemplo, desprendimento dos pais, perspectivas do futuro e desenvolvimento de autonomia. Os autores concluem que a relevância dessa investigação está no momento em que mostra os motivos para a implementação de ações de intervenção a saúde mental em ambiente acadêmico e para criação de serviços de apoio ao estudante ao professor para saberem lidar com o problema e com as mudanças vitais (NOGUEIRA, 2013; VASCONCELOS *et al.*, 2015; VIZZOTTO; JESUS; MARTINS, 2017; FERNANDES *et al.*, 2018).

Pinho (2016) caracterizou a clientela de um programa de atendimento psicológico ao estudante de uma instituição de ensino superior particular. A partir de uma abordagem descritiva de 102 prontuários a pesquisa concluiu que os alunos dos cursos da área da saúde foram os que mais procuram atendimento. Como motivo da consulta predominaram o déficit ou dificuldades nas habilidades sociais, seguidos dos transtornos de humor e dependência química. A maior concentração de atendimentos foi na faixa etária dos 21 aos 25 anos de idade e houve predominância na clientela do sexo feminino em relação ao sexo masculino. A autora finaliza reforçando a importância de programas para a promoção e prevenção da saúde dos estudantes.

A saúde mental é composta por uma relação de equilíbrio entre sentimentos internos e experiências externas. TMC - Transtornos Mentais Comuns é o termo utilizado quando existe um conjunto de sinais e sintomas que afetam o funcionamento da mente e não tem uma origem

definida (LINO, 1997; LUDEMIR; FILHO, 2002). Esse conceito de TMC foi abordado nos estudos de Silva e Cavalcante Neto (2014) e Silva, Cerqueira e Lima (2014) ao investigarem estudantes universitários da área da saúde. Com a finalidade de verificar a associação entre o nível de atividade física (NAF) e a saúde mental dos estudantes, Silva e Cavalcante Neto (2014) encontraram uma prevalência de 43,2% de TMC e dentre os cursos da área da saúde, o curso de farmácia foi o que apresentou maior prevalência, 24,2%. No que diz respeito à associação entre o NAF e TMC os estudantes que eram inativos apresentaram 67,4% de predisposição a desenvolver algum tipo de TMC.

Silva, Cerqueira e Lima (2014) encontraram uma prevalência de TMC de 44,9% em estudantes de medicina, dado semelhante ao encontrado por Silva e Cavalcante Neto (2014). Após análise estatística multifatorial os fatores de apoio social “sentir-se rejeitado no último ano”, “ter pensado ou pensar em abandonar o curso” e “interação” foram associados aos índices elevados de TMC nesta população.

Em pesquisa de revisão bibliográfica realizada por Carlesso (2020) foi revelada uma diversidade de estudos com o objetivo de investigar a saúde mental dos estudantes universitários da área da saúde e principalmente dos estudantes do curso de medicina, fato esse visto também nesta revisão através dos estudos incluídos. Os estudos levantados pela autora também revelaram fatores semelhantes aos estudos aqui revisados como os agentes estressores apontados: nível em que se encontra o aluno no curso, perda de liberdade pessoal, alto nível de exigência do curso e saída da casa dos pais para uma vida em outro lugar.

Em outra revisão, realizada por Graner e Cerqueira (2019), o Brasil apresentou uma maior prevalência de TMC em universitários comparados aos índices da população geral e entre adolescentes. Fatores associados ao sofrimento psíquico foram apontados na revisão como sonolência, má qualidade do sono, estresse, tensão, rotina de estudos imposta para atingir as exigências acadêmicas e grade curricular dos cursos muito extensa. Fatores também vistos nos estudos dessa revisão de escopo.

Nesta revisão da literatura os temas ansiedade, depressão e transtornos mentais comuns foram os mais associados à comunidade universitária. A investigação desses aspectos nesses sujeitos mostrou ser importante, pois a maioria dos artigos encontrou prevalência da TMC nos estudantes e as possíveis consequências da presença dessa condição na vida desses.

A vista disso os estudos conduzidos apontaram impactos na habilidade social, rotina, atenção, compreensão, raciocínio, regulação emocional, entre outros. Impactos estes que podem

interferir nas habilidades de desempenho como também sugerem prejuízos no desempenho ocupacional desta população.

O período da graduação mostrou-se um ambiente desencadeador de estresse emocional e cognitivo que pode afetar o autocuidado, lazer e trabalho. Estes fatores fazem parte do desempenho ocupacional que pode estar prejudicado, já que este depende de uma boa interação entre indivíduo, contexto, ambiente e atividade. Portanto, é comum observar as consequências de transtornos mentais indo além do âmbito acadêmico e refletindo em outras esferas da vida dos indivíduos.

8. CONCLUSÃO

Os transtornos mais citados entre os estudantes, conforme as pesquisas que fizeram parte dessa revisão foram: TMC, depressão e ansiedade. Apontando que a maioria dos estudantes universitários, nas amostras estudadas, apresentam essas condições. Entretanto, os estudos não apresentam um panorama ocupacional dos impactos dos transtornos mentais comuns, ou seja, a literatura aqui incluída não contemplou a temática “desempenho ocupacional” mesmo a metodologia deste estudo incluindo este tema como descritor em seu critério de busca.

Sendo assim, observa-se a necessidade da realização de estudos que investiguem os impactos do transtorno mental comum nas habilidades de desempenho ocupacional, assim como, verifiquem as medidas de prevenção à saúde mental dos estudantes que ocorrem em âmbito de estratégias acadêmicas e estratégias pessoais, pois, é de extrema importância esclarecer e sugerir planos de conduta nas situações de saúde mental em que vivem os estudantes.

Os resultados dos estudos resumidos na presente revisão sugerem que o desempenho ocupacional dos estudantes universitários sofre influência da presença de transtornos mentais comuns, já que a presença destes afetam as habilidades ocupacionais, que por sua vez, tem relação com o desempenho.

A maioria das publicações dos estudos aqui incluídos foi realizada em periódicos com foco na Psicologia o que nos mostra que as revistas especializadas em Terapia Ocupacional não são os primeiros alvos de publicações com o tema aqui estudado.

A Terapia Ocupacional tem um papel fundamental em contribuir com o equilíbrio entre as experiências externas e a saúde mental. Tanto para a prevenção quanto para o tratamento no processo de recuperação da saúde mental, os terapeutas ocupacionais mostram amparo teórico e prático.

Sugere-se que os próximos estudos transversais com estudantes universitários considerem e investiguem as esferas do desempenho ocupacional, como os fatores individuais dos clientes, as habilidades e os padrões de desempenho, os contextos e ambientes, para uma visão mais ampla do sujeito.

REFERÊNCIAS

ABRÃO, C. B.; COELHO, E. P.; PASSOS, L. B. S. Prevalência de sintomas depressivos entre estudantes de medicina da Universidade Federal de Uberlândia. **Revista brasileira de educação médica**, v. 32, n. 3, p. 315-323, 2008.

ALMEIDA, A. D. M.; GODINHO, T. M.; BITENCOURT, G. V.; TELES, M. S.; SILVA, A. S.; FONSECA, D. C. Transtornos mentais comuns entre estudantes de medicina. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 56, n. 4, p. 245-251, 2007.

ALMONDES, K. M.; MEDEIROS, A. L. D.; LIMA, P. F.; ROLIM, S. A. M.; DIAS JÚNIOR, S. A.; ARAÚJO, J. F. Ansiedade em estudantes de medicina: uma realidade desnecessária. **Revista Saúde**, v. 16, n. 1, p. 17-24, 2002.

AMARANTE, P. **Loucos pela vida**: a trajetória da reforma psiquiátrica no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 1998.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. DSM-5 – **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. Porto Alegre: Artmed, 2014. Disponível em:

[https://books.google.com.br/books?hl=pt-](https://books.google.com.br/books?hl=pt-PT&lr=&id=QL4rDAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT13&dq=transtornos+mentais&ots=nQ4GACB8GU&sig=9rPD2MiaP3HO_3hU_VcU26gp_S4#v=onepage&q=transtornos%20mentais&f=false)

[PT&lr=&id=QL4rDAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT13&dq=transtornos+mentais&ots=nQ4GACB8GU&sig=9rPD2MiaP3HO_3hU_VcU26gp_S4#v=onepage&q=transtornos%20mentais&f=false](https://books.google.com.br/books?hl=pt-PT&lr=&id=QL4rDAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT13&dq=transtornos+mentais&ots=nQ4GACB8GU&sig=9rPD2MiaP3HO_3hU_VcU26gp_S4#v=onepage&q=transtornos%20mentais&f=false)

ANABY, D.; JARUS, T.; BACKMAN, C. L.; ZUMBO, B. D. The Role of Occupational Characteristics and Occupational Imbalance in Explaining Well-being. **Applied Research Quality Life Canadá**, v. 5, p. 81–104, 2010.

ANGÉLICO, A.; CRIPPA, J. A. S.; LOUREIRO, S. R. Utilização do Inventário de Habilidades sociais no diagnóstico do transtorno de ansiedade social. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 25, n. 3, p. 467-476, 2012.

AOTA, AMERICAN OCCUPATIONAL THERAPY ASSOCIATION. Estrutura da prática da Terapia Ocupacional: domínio & processo-traduzida. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 26, p. 1-49, 2015.

ARKSEY, H.; O'MALLEY, L. Scoping studies: towards a methodological framework. **Internacional jornal of social research methodology**, v.8, n.1, p.19-32, 2005.

BASAGLIA, F. O circuito do controle: do manicômio à descentralização psiquiátrica. In: AMARANTE, P. (organizador). **Escritos selecionados em saúde mental e reforma psiquiátrica**. Rio de Janeiro: Editora Garamond; p. 237-57. 2005.

BENETTON, M. J. A Terapia Ocupacional como instrumento nas ações de Saúde Mental. São Paulo, Campinas (1994). **Tese de Doutorado**. Universidade Estadual de Campinas Faculdade de Ciências Médicas.

BORGES, C. F.; BAPTISTA, T. W. F. O modelo assistencial em saúde mental no Brasil: a trajetória da construção política de 1990 a 2004. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 24, p. 456-468, 2008.

BRANDTNER, M.; BARDAGI, M. Sintomatologia de depressão e ansiedade em estudantes de uma universidade privada do Rio Grande do Sul. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, v. 2, n. 2, p. 81-91, 2009.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Saúde Mental. Caderno HumanizaSUS**, 5. Brasília: Ministério da Saúde, 2015.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Carta de Brasília. Princípios Orientadores para o Desenvolvimento da Atenção em Saúde Mental nas Américas**. 2005. Disponível em: <http://pfdc.pgr.mpf.mp.br/temas-de-atuacao/saude-mental/atuacao-de-outros-orgaos/carta-de-brasilia-2005-ms-opas-oms-saude-mental>

- CARLESSO, J. P. P. Os desafios da vida acadêmica e o sofrimento psíquico dos estudantes universitários. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 2, p. 82922092, 2020.
- CAVALCANTI, A.; DUTRA, F. C. M. S.; ELUI, V. M. C. Estrutura da prática da terapia ocupacional: domínio & processo. **Revista de Terapia Ocupacional Universidade de São Paulo**, v. 26, p. 49, 2015.
- CAVESTRO, J. M.; ROCHA, F. L. Prevalência de depressão entre estudantes universitários. **Jornal brasileiro de Psiquiatria**, v. 55, n. 4, p. 264-267, 2006.
- CERCHIARI, E. A. N.; CAETANO, D.; FACCENDA, O. Prevalência de transtornos mentais menores em estudantes universitários. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 10, n. 3, p. 413-420, 2005.
- CHATTERJEE, S.; SAHA, I.; MUKHOPADHYAY, S.; MISRA, R.; CHAKRABORTY, A.; BHATTACHARYA, A. Depression among nursing students in an Indian government college. **British Journal of Nursing**, v. 23, n. 6, p. 316-320, 2014.
- CHAVES, E. D. C. L.; IUNES, D. H.; MOURA, C. D. C.; CARVALHO, L. C.; SILVA, A. M.; CARVALHO, E. C. D. Anxiety and spirituality in university students: a cross-sectional study. **Revista brasileira de enfermagem**, v. 68, n. 3, p. 444-449, 2015.
- COSTA, L. A.; ALMEIDA, S. C.; ASSIS, M. G. Reflexões epistêmicas sobre a Terapia Ocupacional no campo da Saúde Mental. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, v. 23, n. 1, 2015.
- CREMASCO, G.S.; BAPTISTA, M. N. Depressão, motivos para viver e o significado do suicídio em graduandos do curso de psicologia. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, v. 8, n. 1, p. 22-37, 2017.
- DALGALARRONDO, P. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais**. 3. Ed. Porto Alegre: Artmed Editora, 2018.
- DE ARAÚJO, T. M. Prática de atividades de lazer e morbidade psíquica em residentes de áreas urbanas. **Revista Baiana de Saúde Pública**, v. 31, n. 2, p. 294, 2007.
- DUARTE, E. S. R.; SILVEIRA, L. V. D. A.; CÍTERO, V. D. A.; JACINTO, A. F. Common mental disorders among family carers of dementia older people in Brazil. **Dement Neuropsychol**, v. 12, n. 4, p. 402-407, 2018.
- DUTRA, Elza. Suicídio de universitários: o vazio existencial de jovens na contemporaneidade. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 12, n. 3, p. 924-937, 2012.
- FACUNDES, V. L. D.; LUDERMIR, A. B. Common mental disorders among health care students. **Brazilian Journal of Psychiatry**, v. 27, n. 3, p. 194-200, 2005.

FERNANDES, J. M. As relações entre Estresse, Autoestima e Transtornos Mentais Comuns em universitários da área da saúde do último ano. **Revista Visão Universitária**, v. 1, n. 1, 2019.

FERNANDES, M. A.; VIEIRA, F. E. R.; SILVA, J. S.; AVELINO, F. V. S. D.; SANTOS, J. D. M. Prevalência de sintomas ansiosos e depressivos em universitários de uma instituição pública. **Rev. Bra. Enferm.**, Brasília, v, 71, supl. 5, p. 2169-2175, 2018.

FERREIRA, C. L.; ALMONDES, K. M. D.; BRAGA, L. P.; MATA, Á. N. D. S.; LEMOS, C. A.; MAIA, E. M. C. Universidade, contexto ansiogênico? Avaliação de traço e estado de ansiedade em estudantes do ciclo básico. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.14, p.973-981, 2009.

FERREIRA, M. S.; CARVALHO, M. C. A.; Estigma Associado ao Transtorno Mental: Uma Breve Reflexão Sobre Suas Consequências. **RIES**, v.6, nº 2, p. 192-201, 2017.

FERRI, C. P; GALDURÓZ, J. C. F. **Critérios Diagnósticos: CID-10 e DSM – Eixo, políticas e fundamentos**. Aberta, Portal de informações à distância, sujeitos, contextos e drogas, 2016. Acesso em: <http://www.aberta.senad.gov.br/medias/original/201704/20170424-094920-001.pdf>

FIOROTTI, K. P.; ROSSONI, R. R.; BORGES, L. H.; MIRANDA, A. E. Transtornos mentais comuns entre os estudantes do curso de medicina: prevalência e fatores associados. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 59, n. 1, p. 17-23, 2010.

FISHER, A. G.; GRISWOLD, L. A. Performance skills: Implementing performance analyses to evaluate quality of occupational performance. **Willard and Spackman's occupational therapy**, p. 249-264, 2014.

FONSECA, M. A. A prática do terapeuta ocupacional em saúde mental a partir de uma perspectiva não excludente e de respeito às diferenças. In: **Drummond AF, Rezende MB. Intervenção da terapia ocupacional**. Belo Horizonte, p. 71-93, 2008.

GOLDBERG, D. P.; HUXLEY, P. **Common mental disorders: A bio-social model**. Ed. Tavistock/Routledge, London, 1992.

GALVÃO, C.M.; SAWADA, N.O; TREVISAN, M.A. Revisão sistemática: recurso que proporciona a incorporação das evidências na prática da Enfermagem. **Rev Latino-am Enferm**. v.12, n.3, p.549-56, 2004.

GONÇALVES, D. M.; KAPCZINSKI, F. Prevalência de transtornos mentais em indivíduos de uma unidade de referência para Programa Saúde da Família em Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 24, n. 9, p. 2043-2053, 2008.

GRANER, K. M.; CERQUEIRA, A. T. A. R. Revisão integrativa: sofrimento psíquico em estudantes universitários e fatores associados. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 24, p. 1327-1346, 2019.

HAGEDORN, R. **Ferramentas para a Prática em Terapia Ocupacional: Uma abordagem Estruturada aos Conhecimentos e Processos Centrais**. São Paulo, Roca, 2007.

HIRDES, A. A reforma psiquiátrica no Brasil: uma (re)visão. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 14, p. 297-305, 2009.

HOLMES, D.S. **Psicologia dos transtornos mentais**. Porto Alegre: Artes Médicas; 1997.

IBRAHIM, A. K.; KELLY, S. J.; ADAMS, C. E.; GLAZEBROOK, C. A systematic review of studies of depression prevalence in university students. **Journal of psychiatric research**, v. 47, n. 3, p. 391-400, 2013.

KUBOTA, A. M. A. **Aspectos da insônia no adulto e a relação com o desempenho ocupacional**. Monografia. Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

LINO, M. A. Saúde e doença mental—classificação das doenças mentais (CID 10) In: TEIXEIRA, M.B.; MELLO, I. M.; GRANDO, L. H.; FRAIMAN, D.P. **Psiquiatria manual de enfermagem**. São Paulo: Atheneu, 1997.

LOPES, C. S.; ABREU, G. D. A.; SANTOS, D. F. D.; MENEZES, P. R.; CARVALHO, K. M. B. D.; CUNHA, C. D. F.; SZKLO, M. Prevalência de transtornos mentais comuns em adolescentes brasileiros. **Rev Saude Publica**. v. 50, n. 1, p. 1-14, 2016.

LUDERMIR, A. B.; FILHO, D. A. M. Condições de vida e estrutura ocupacional associadas a transtornos mentais comuns. **Revista de Saúde Pública**, v. 36, p. 213-221, 2002.

MÂNGIA, E. F. Contribuições da abordagem canadense "prática de Terapia Ocupacional centrada no cliente" e dos autores da desinstitucionalização italiana para a Terapia Ocupacional em saúde mental. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v.13, n.3, p.127-34, 2002.

MÂNGIA, E. F.; MURAMOTO, M. Integralidade e construção de novas profissões no contexto dos serviços substitutivos de saúde mental. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 17, n. 3, p. 115-122, 2006.

MARCHI, K. C.; BÁRBARO, A. M.; MIASSO, A. I.; TIRAPELLI, C. R. Ansiedade e consumo de ansiolíticos entre estudantes de enfermagem de uma universidade pública. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 15, n. 3, p. 729-37, 2013.

MORAES, A.; DE SOUZA, A. M.; FALCÃO, L. F. M.; CORRÊA, V. A. C. Alterações no desempenho ocupacional de pessoas com doença renal crônica em diálise peritoneal. **Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social**, v. 6, p. 591-599, 2018.

MOTIZUKI, C. S.; MARIOTTI, M. C. Percepções de indivíduos com transtornos mentais e familiares sobre o desempenho ocupacional: contribuições da terapia ocupacional. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 25, n. 2, p. 100-110, 2014.

MOWBRAY, C. T.; MANDIBERG, J. M.; STEIN, C. H.; KOPELS, S.; CURLIN, C.; MEGIVERN, D.; LETT, R. Campus mental health services: Recommendations for change. **American Journal of Orthopsychiatry**, v. 76, n. 2, p. 226-237, 2006.

NOGUEIRA, T. G. The Pfister test in assessment of depression and anxiety in college students: preliminary evidences. **Bol. psicol**, São Paulo, v. 63, n. 138, p. 11-21, 2013

NOGUEIRA-MARTINS, L.S. Saúde Mental dos profissionais da saúde. **Rev Bras Med Trab.** v. 1, n. 1, p. 56-58, 2003.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS), 1993. **Classificação dos transtornos mentais e do comportamento - CID-10**: Descrições e diretrizes diagnósticas. Porto Alegre, RS: Artes Médicas.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE/ORGANIZAÇÃO PANAMERICANA DE SAÚDE. **Declaração de Caracas**. Conferência Regional para a Reestruturação da Atenção Psiquiátrica na América Latina no Contexto dos Sistemas Locais de Saúde (SILOS). 1990 nov 14; Caracas, Venezuela. Caracas: OMS/OPAS; 1990.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. OPAS/OMS apoia governos no objetivo de fortalecer e promover a saúde mental da população. Brasília, DF, 2016.

Disponível em:

https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5263:opas-oms-apoia-governos-no-objetivo-de-fortalecer-e-promover-a-saude-mental-da-populacao&Itemid=839

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Transtornos mentais**: Determinantes Sociais e Riscos para a Saúde, Doenças Crônicas não transmissíveis e Saúde Mental. Brasília, DF, 2018.

PAPALIA, D.E.; OLDS, S.W. **Desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul; 2000.

PEREIRA, D. C.; RUZZI-PEREIRA, A.; PEREIRA, P. E.; TREVISAN, É. R. Desempenho ocupacional de adolescentes de um Centro de Atenção Psicossocial Infanto-juvenil (CAPSI). **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 25, n. 1, p. 11-17, 2014.

PERINI, J. P.; DELANOGARE, E.; SOUZA, S. A. Transtornos Mentais Comuns e aspectos psicossociais em universitários do sul do Brasil. **Vitalle – Revista de Ciências da Saúde**, v. 31, n. 1, p. 44-51, 2019.

PETERSON, J.; PEARCE, P.; FERGUSON, L.; LANGFORD, C.A. Understanding scoping reviews: Definition, purpose, and process. **J Am Assoc Nurse Pract.** v. 29, n. 1, p. 12-16, 2017.

PINHO, R. Characterization of the clientele of a psychological treatment program for university students. **Psicol. Conoc. Soc.**, Montevideo, v. 6, n. 1, p. 114-130, May 2016 .

RIBEIRO, J. M.; INGLEZ-DIAS, A. Políticas e inovação em atenção à saúde mental: limites ao descolamento do desempenho do SUS. **Ciência & Saúde Coletiva.** V. 16, n. 12, p. 4623-4633, 2011.

RIBEIRO, M. C. **A reabilitação psicossocial num CAPS: concepção dos profissionais.** São Paulo. Dissertação (mestrado) - Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, 2005.

RIBEIRO, M. C.; MACHADO, A. L. Occupational Therapy and new forms of caring into mental health. **Rev. Ter. Ocup.** Univ. São Paulo, v.19, n. 2, p. 72-75, maio/ago. 2008.

ROLEY, S.; DELANY, J. V.; BARROWS, C.; HONAKER, D.; SAVA, D.; TALLEY, V. Occupational therapy practice framework: Domain and process. **The American Occupational Therapy Association**, v. 62, n. 6, p. 625-83, 2008.

SAKAE, T. M.; PADÃO, D. L.; JORNADA, L. K. Sintomas depressivos em estudantes da área da saúde em uma universidade no sul de Santa Catarina - UNISUL. **Rev. AMRIGS**, v. 54, n. 1, p. 38-43, 2010.

SANTANA, L. D. L.; SARQUIS, L. M. M.; BREY, C.; MIRANDA, F. M. D. A.; FELLI, V. E. A. Absenteísmo por transtornos mentais em trabalhadores de saúde em um hospital no sul do Brasil. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Paraná, v. 1, n. 37, mar. 2016.

SANTOS, L. P. A. **Desempenho ocupacional de usuários alcoolistas atendidos em centro de atenção psicossocial-CAPS álcool e outras drogas.** Monografia, Universidade Federal da Paraíba, 2015.

SENA, T. Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais-DSM-5, estatísticas e ciências humanas: inflexões sobre normalizações e normatizações. **INTERthesis: Revista Internacional Interdisciplinar**, v. 11, n. 2, p. 96-117, 2014.

SANTOS, C.M.C.; PIMENTA, C.A.M.; NOBRE, R.C. A estratégia PICO para a construção da pergunta de pesquisa e busca de evidências. **Rev Latino-am Enferm.** v.15, n.3, p.508-11, 2007.

SILVA, A. G.; CERQUEIRA, A. T. A. R.; LIMA, M. C. P. Social support and common mental disorder among medical students. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 17, p. 229-242, 2014.

SILVA, A. O.; CAVALCANTE NETO, J. L. Association between levels of physical activity and common mental disorder in university students. **Motri.**, Vila Real , v. 10, n. 1, p. 49-59, Mar. 2014 .

SILVA, E.; SILVA, G. **Incidência de distúrbios psiquiátricos menores em estudantes de enfermagem na cidade de Palmitos e sua associação com níveis de estresse nos anos de 2008 - um enfoque na depressão no ano de 2007.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Enfermagem) - Universidade do Estado de Santa Catarina, 2008.

SILVA, M. O. L.; ALVES, M. L. P. C. L.; CARDINAL, A. C.; BOLDRINI, É. Desempenho ocupacional e qualidade de vida de adolescentes em diferentes momentos do tratamento oncológico/Occupational performance and quality of life of adolescents at different times of cancer treatment. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 2, n. 4, p. 3333-3367, 2019.

SILVA, R. S.; DA COSTA, L. A. Prevalência de transtornos mentais comuns entre estudantes universitários da área da saúde. **Encontro: Revista de Psicologia**, v. 15, n. 23, p. 105-112, 2015.

SOUZA, M. T.; SILVA, M. D.; CARVALHO, R. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein (São Paulo)**, v. 8, n. 1, p. 102-106, 2010.

SPADINI, L. S.; SOUZA, M. C. B. M. A doença mental sob o olhar de pacientes e familiares. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 40, n. 1, p. 123-127, 2006.

TOLEDO, T.P. 2015. **Investigação da saúde mental e da qualidade de vida de estudantes universitários de uma universidade pública federal.** Santos, SP. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de São Paulo, 114 p.

VALLILO, N. G.; JÚNIOR, D. R.; GOBBO, R.; NEIL, F.; HÜBNER, C. V. K. Prevalência de sintomas depressivos em estudantes de Medicina. **Rev Bras Clin Med**, v. 9, n. 1, p. 36-34, 2011.

VASCONCELOS, T. C. D.; DIAS, B. R. T.; ANDRADE, L. R.; MELO, G. F.; BARBOSA, L.; SOUZA, E. Prevalência de Sintomas de Ansiedade e Depressão em Estudantes de Medicina. **Rev. bras. educ. med.**, Rio de Janeiro, v. 39, n. 1, p. 135-142, Mar. 2015 .

VIZZOTTO, M. M.; JESUS, S. N.; MARTINS, A. C. Missing home: indicators of depression, anxiety, quality of life and adaptation of university students. **Rev. Psicol. Saúde**, Campo Grande , v. 9, n. 1, p. 59-73, Apr. 2017.

WHITLEY, R.; PALMER, V.; GUNN, J. Recovery from severe mental illness. **CMAJ**, v.187, n. 13, p. 951-952, 2015.

WHO- World Health Organization. **Mental Health Atlas 2017.** (2018). Recuperado em: https://www.who.int/mental_health/evidence/atlas/mental_health_atlas_2017/en/

WILKINSON, P. O conceito de problemas internalizantes em crianças e adolescentes. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 14, n. 2, p. 373-381, 2009.

APÊNDICE

Quadro 1 - Estudos selecionados para a revisão de escopo.

	Título, Autor, Periódico, Ano	Objetivo	Metodologia	Resultados
1	Título: Universidade, contexto ansiogênico? Avaliação de traço e estado de ansiedade em estudantes do ciclo básico Autor: FERREIRA, Camomila Lira et al. Periódico: Ciência & Saúde Coletiva, v. 14, p. 973-981. Ano: 2009	Avaliar a ansiedade-traço e ansiedade-estado dos estudantes do ciclo básico em vários cursos de graduação das três grandes áreas de conhecimento (humanística, tecnológica e biomédica) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), com diferentes características, avaliando se existiam diferenças entre os escores de ansiedade dessas áreas.	Participaram do estudo 158 estudantes. Para conseguir dados sobre os estudantes, fez-se uso de uma ficha de identificação. O Inventário de Ansiedade Traço-Estado (IDATE) também foi aplicado	Os resultados mostraram que os estudantes universitários do ciclo básico das três áreas de conhecimento da UFRN apresentaram médias de traço de ansiedade dentro da média esperada para estudantes do ciclo básico. Isso sugere que esses estudantes parecem não interpretar a situação do ciclo básico como ansiogênica, não apresentando uma característica de personalidade ansiogênica.

2	Título: Prevalência de sintomas depressivos em estudantes de Medicina. Autor: VALLILO, Nathália G. et al. Periódico: Rev Bras Clin Med, v. 9, n. 1, p. 36-34, Ano: 2011.	Verificar a prevalência de sintomas depressivos entre os estudantes de Medicina e avaliar como eles se comportam de acordo com o sexo, idade e período do curso.	Os alunos foram divididos em três grupos distintos: o grupo A formado por alunos do 1º e 2º anos, o grupo B por alunos do 3º e 4º anos e o grupo C por alunos do 5º e 6º anos. Foi utilizado o Inventário de Depressão de Beck que é uma medida de autoavaliação dos sintomas da depressão.	Autoacusação, culpa e fadiga foram os três sintomas depressivos de maior frequência com alta concordância entre os grupos. Não houve diferença significativa em relação à quantidade de sintomas depressivos presentes entre os três grupos.
3	Título: Utilização do Inventário de Habilidades sociais no diagnóstico do transtorno de ansiedade social. Autor: ANGÉLICO, Antonio Paulo; CRIPPA, José Alexandre S.; LOUREIRO, Sonia Regina. Periódico: Psicologia: Reflexão e Crítica, v. 25, n. 3, p. 467-476.	Verificar as associações entre as manifestações clínicas e comportamentais do Transtorno de Ansiedade Social (TAS) e aferir a validade discriminativa do Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del-Prette) no diagnóstico deste transtorno.	Participaram 1006 estudantes universitários, na faixa etária entre 17 e 35 anos, de ambos os gêneros. Posteriormente, 86 participantes foram randomicamente selecionados desta amostra inicial e agrupados como casos e não-casos de TAS por meio de avaliação clínica sistemática	Os resultados obtidos indicaram que quanto mais elaborado for o repertório de habilidades sociais de um indivíduo, menor será a sua probabilidade de satisfazer os critérios de rastreamento de indicadores diagnósticos para o TAS.

	Ano: 2012.			
4	Título: O teste de Pfister na avaliação de depressão e ansiedade em universitários: evidências preliminares. Autor: NOGUEIRA, Tânia da Glória. Periódico: Bol. psicol, São Paulo, v. 63, n. 138, p. 11-21. Ano: 2013	Analisar os níveis de depressão e de ansiedade em alunos dos períodos iniciais dos cursos de Psicologia, Jornalismo, Direito, Pedagogia e Publicidade de uma instituição superior privada de Belo Horizonte.	Foram utilizados um questionário elaborado especialmente para o presente estudo, a Escala Beck de Depressão (BDI), a Escala Beck de Ansiedade (BAI) e o Teste das Pirâmides Coloridas Pfister.	No que se refere aos sintomas de depressão e ansiedade, os resultados encontrados, tanto para o Pfister quanto para o BAI e o BDI, apontam um índice de ansiedade maior que o de depressão. Os resultados obtidos pelo Pfister indicam que os alunos mostraram-se imaturos e vulneráveis, revelando insegurança.
5	Título: Associação entre níveis de atividade física e transtorno mental comum em estudantes universitários. Autor: SILVA, Adenice de Omena; CAVALCANTE NETO, Jorge Lopes.	Verificar se existe associação entre nível de atividade física (NAF) e transtorno mental comum (TMC) em universitários da área de saúde de uma universidade federal (UFAL).	Aplicou-se o Questionário Internacional de Atividade Física (IPAQ), o Self-Reporting Questionnaire (SRQ-20), e um questionário sociodemográfico.	Observou-se que os estudantes inativos apresentaram três vezes mais chances de desenvolver TMC que os ativos, evidenciando que a graduação pode ser uma fase de risco para os universitários, seja devido aos diversos estressores, à

	Periódico: Motri., Vila Real , v. 10, n. 1, p. 49-59. Ano: 2014.			ausência de hábitos saudáveis, e/ou à pouca e/ou inadequada prática de atividade física durante esse período.
6	Título: Apoio social e transtorno mental comum entre estudantes de Medicina. Autor: SILVA, Adriano Gonçalves; CERQUEIRA, Ana Teresa de Abreu Ramos; LIMA, Maria Cristina Pereira. Periódico: Revista Brasileira de Epidemiologia [online]. 2014, v. 17, n. 01. Ano: 2014	Estimar a prevalência de sofrimento psíquico entre estudantes de Medicina em uma faculdade no Sudeste do Brasil e avaliar sua associação com apoio social.	Sofrimento psíquico foi investigado na forma de Transtorno Mental Comum (TMC), avaliado por meio do <i>Self-Reporting Questionnaire</i> (SRQ-20). Apoio social foi avaliado com a Escala de Apoio Social (EAS).	A prevalência de TMC entre estudantes de Medicina mostrou-se elevada, identificando-se o apoio social insuficiente como fator de risco. Esses achados sugerem que intervenções voltadas para propiciar melhores condições de interação social entre estudantes poderiam ser benéficas, diminuindo a prevalência de TMC nesse grupo.
7	Título: Prevalência de Sintomas de Ansiedade e Depressão em Estudantes de Medicina.	Determinar a prevalência de sintomas de ansiedade e depressão em estudantes de Medicina e avaliar fatores associados.	Estudo de corte transversal com 234 estudantes que responderam a um questionário eletrônico com variáveis sociodemográficas e a Escala	A prevalência de sintomas de ansiedade e depressão associada ao uso de drogas psicoativas e ilícitas, respectivamente, indica a necessidade de medidas de

	Autor: VASCONCELOS, Tatheane Couto de et al . Periódico: Rev. bras. educ. med., Rio de Janeiro , v. 39, n. 1, p. 135-142, Mar. Ano: 2015.		Hospitalar de Ansiedade e Depressão (Ehad).	prevenção e diagnóstico precoces.
8	Título: Caracterização da clientela de um programa de atendimento psicológico a estudantes universitários. Autor: REGINA, Pinho. Periódico: Psicol. Conoc. Soc., Montevideo, v. 6, n. 1, p. 114-130. Ano: 2016.	Caracterizar o motivo ou queixa da clientela de um Programa de Atendimento Psicológico do Meio Oeste Catarinense, oferecido gratuitamente a acadêmicos regularmente matriculados nos cursos de graduação da Universidade do Oeste de Santa Catarina.	Trata-se de uma pesquisa documental realizada em 102 prontuários de sujeitos atendidos pelo programa em questão no ano de 2011 considerando as seguintes variáveis: sexo, idade, curso universitário e motivo da consulta.	Constatou-se que a maioria dos acadêmicos que buscam atendimento é predominante da área da saúde, quanto ao gênero também predomina o feminino, a faixa etária com maior número de atendimentos corresponde entre 21 a 25 anos e as principais queixas são déficits de habilidades sociais, seguidas do transtorno depressivo e transtorno de ansiedade.
9	Título: Depressão, motivos para viver e o significado do	Investigar índices de depressão e motivos para	Foram aplicadas a Escala Baptista de Depressão (Versão-Adulto) (EBADEP-A), Escala de Motivos para Viver	A análise qualitativa demonstrou que a maior parte dos participantes vê

	suicídio em graduandos do curso de psicologia. Autor: CREMASCO, Gabriela da Silva; BAPTISTA, Makilim Nunes. Periódico: Estudos Interdisciplinares em Psicologia, v. 8, n. 1, p. 22-37. Ano: 2017.	viver em graduandos de Psicologia.	(EMVIVER) e uma pergunta aberta sobre o que os estudantes pensavam do suicídio.	vê o suicídio como uma maneira de acabar com a dor/sofrimento, incapacidade de lidar com problemas, fuga, dentre outros.
10	Título: Saudades de casa: indicativos de depressão, ansiedade, qualidade de vida e adaptação de estudantes universitários. Autor: VIZZOTTO, Marília Martins; JESUS, Saul Neves de; MARTINS, Alda Calé. Periódico: Rev. Psicol. Saúde, Campo Grande, v. 9, n. 1, p. 59-73.	Avaliar a qualidade de vida de estudantes universitários portugueses de duas universidades distintas; avaliar os estilos de vida e métodos acadêmicos desses estudantes; avaliar a presença de sinais e sintomas de stress, ansiedade e depressão nesses estudantes.	Participaram 238 universitários portugueses, dos quais 145 estudavam na Universidade do Algarve e 93 estudantes na Universidade de Aveiro. Os instrumentos utilizados foram: Questionário de levantamento de variáveis socioculturais e familiares, dados demográficos, condições de moradia e renda, Whoqol-Bref (para avaliação de qualidade de vida), c) Escala de Estilos de vida e métodos acadêmicos (EVMA), Escala de	Em relação à qualidade de vida geral, os universitários possuíam num bom nível e, embora houvesse diferenças entre os gêneros em cada domínio, pois as mulheres contaram maiores níveis de QV, essas diferenças foram pouco significativas. Os resultados mais significativos referiram-se aos estudantes em

	Ano: 2017		Medida de ansiedade, depressão e <i>stress</i> (EADS).	mobilidade, ou seja, aqueles que "saíram da casa da família" para estudar apresentaram níveis bem mais elevados de ansiedade, <i>stress</i> e depressão, do que aqueles que "viviam com a família" e estudavam em uma universidade mais próxima de suas casas.
11	Título: Prevalência de sintomas ansiosos e depressivos em universitários de uma instituição pública. Autor: FERNANDES, Márcia Astrês et al. Periódico: Rev. Bras. Enferm., Brasília , v. 71, supl. 5, p. 2169-2175, Ano: 2018	Identificar a prevalência de sintomas ansiosos e depressivos e suas correlações com características sociodemográficas e ocupacionais em universitários.	Trata-se de estudo censitário, transversal, e analítico, desenvolvido com estudantes de enfermagem de uma universidade pública federal do Nordeste do Brasil nos meses de setembro e outubro de 2016. Participaram 205 universitários de todos os períodos do curso. Foram aplicados os inventários de Beck para ansiedade e depressão.	A maioria dos participantes era do sexo feminino, solteira, natural da capital do estado e morava com os pais. A prevalência de depressão foi de 30,2% e de ansiedade, 62,9%. Identificou-se associação entre o nível de sintomas depressivos, trabalho, sexo e lazer.
12	Título: Revisão integrativa: sofrimento psíquico em	Identificar fatores de risco e proteção para sofrimento	Analisaram-se estudos empíricos nas bases de dados: <i>Web of</i>	Os instrumentos mais utilizados para o

	estudantes universitários e fatores associados. Autor: GRANER, Karen Mendes; CERQUEIRA, Ana Teresa de Abreu Ramos. Periódico: <i>Ciênc. saúde coletiva</i>, Rio de Janeiro , v. 24, n. 4, p. 1327-1346, Apr. Ano: 2019.	psíquico em estudantes universitários.	<i>Science, Medline e Scopus</i>. Foram localizados 1375 artigos e, aplicados os critérios de exclusão, 37 artigos compuseram a amostra final, tendo sido a maioria estudos transversais, publicados nos últimos cinco anos, em países desenvolvidos, com estudantes da área da saúde.	rastreamento de sofrimento psíquico foram o <i>General Health Questionnaire</i> e o <i>Self Reporting Questionnaire</i>, que identificaram prevalências de 18,5% a 49,1% e, como fatores de risco, condições relativas à vida acadêmica (24) e à saúde (22). Foram identificadas como fatores de proteção, em doze estudos, apresentar determinadas estratégias de <i>coping</i>, senso de coerência, autoeficácia, vigor, autoestima, resiliência, entre outras condições psicológicas.
13	Título: Os desafios da vida acadêmica e o sofrimento psíquico dos estudantes universitários. Autor: CARLESSO, Janaína Pereira Pretto.	Verificar na literatura científica as repercussões dos desafios da vida acadêmica e a manifestação de problemas psíquicos em estudantes universitários da área da saúde.	Os materiais bibliográficos foram obtidos por meio de livros, artigos científicos nacionais e internacionais buscados nas seguintes bases eletrônicas de dados: <i>Google acadêmico, Bireme e Scielo</i> .	A pesquisa apontou que diversos estudos realizados revelam que os estudantes da área da saúde, especialmente os acadêmicos do curso de Medicina, são altamente

	Periódico: Research, Society and Development, v. 9, n. 2. Ano: 2020.			suscetíveis ao aparecimento de quadros depressivos, sendo que a fase de admissão acadêmica é quando há a maior pré-disposição de Transtornos Menores Comuns (TMC).
--	--	--	--	---